

Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideias



Saneamento Rural em África: Desafios, Boas Práticas e Caminhos a Seguir

Organizado por Jamie Myers

Número 12, Janeiro de 2019

CLTS Knowledge Hub at



Institute of
Development Studies

www.communityledtotalsanitation.org



Sobre o CLTS Knowledge Hub

O IDS tem vindo a trabalhar em apoio do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (CLTS) desde que este começou. O CLTS tornou-se agora um movimento internacional do qual o IDS é o núcleo de saber reconhecido.

O Knowledge Hub dedica-se a compreender as realidades da prática de CLTS no terreno e a estudar, divulgar e promover boas práticas, ideias e inovações que conduzam a maior sustentabilidade e maior escala. Procuramos manter a comunidade de CLTS bem interligada e informada, e dar espaço para reflexão, aprendizagem contínua e troca de conhecimentos. Trabalhamos em colaboração com profissionais no terreno, decisores políticos, investigadores e outras pessoas que trabalham com desenvolvimento, saneamento e as comunidades envolvidas nestas questões.

Em última análise, o objectivo fundamental do núcleo é contribuir para a dignidade, saúde e bem-estar das crianças, das mulheres e dos homens do mundo em desenvolvimento que sofrem actualmente as consequências de um saneamento inadequado ou inexistente e de falta de higiene.

Capa:

ILUSTRAÇÃO DE JAMIE EKE

**Saneamento Rural em África:
Desafios, Boas Práticas e Caminhos a Seguir**

Organizado por Jamie Myers, Institute of Development Studies

Citação correcta : Myers, J. (ed.) (2019) «Saneamento Rural em África: Desafios, Boas Práticas e Caminhos a Seguir», *Fronteiras do CLTS: Inovações e Ideais* 12, Brighton : IDS

Primeira edição: 2019

© Institute of Development Studies 2019

Alguns direitos reservados – ver licença de direitos de autor para mais informação.

ISBN 978-1-78118-548-3

Para mais informações, contacte:

CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE

Tel.: +44 (0)1273 606261

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Site: www.communityledtotalsanitation.org

Esta série foi licenciada com uma licença Creative Commons de Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Não Adaptada (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>).

Atribuição (BY): Deve atribuir o devido crédito da maneira especificada pelo autor ou licenciante.

NãoComercial(NC): Não pode usar este trabalho para fins comerciais.

SemDerivações(ND): Não pode alterar, transferir ou transformar este trabalho.

Os utentes podem copiar, distribuir, exhibir, traduzir ou levar à cena este trabalho sem autorização por escrito. Para cada novo uso ou distribuição, deve deixar claro para terceiros os termos da licença desta obra. Se usar o trabalho, pedimos que faça referência ao site do CLTS (www.communityledtotalsanitation.org) e envie uma cópia do trabalho ou um link para a sua utilização em linha para o seguinte endereço: CLTS Knowledge Hub, Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton, BN1 9RE, Reino Unido (CLTS@ids.ac.uk).

Este documento foi financiado pela Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional, ASDI. A ASDI não partilha forçosamente os pontos de vista expressos neste material. A responsabilidade do conteúdo cabe exclusivamente ao autor.



Agradecimentos

Embora esta edição de *Fronteiras do CLTS* tenha sido organizada por Jamie Myers, baseia-se em relatórios de workshops, blogs, vídeos e relatórios Hunter-Gatherer que contam com mais de 80 colaboradores de todo o sector de Água, Saneamento e Higiene (*Water, Sanitation and Hygiene, WASH*) em África. Os dois workshops que constituem a base desta publicação não teriam sido possíveis sem o apoio da WaterAid, WSSCC e UNICEF, bem como da AGETIP e SNV e de todos os participantes.

Por favor, veja mais informação aqui (alguns documentos apenas em inglês e francês): www.communityledtotalsanitation.org/regional-africa-sharing-and-learning-workshops-2018

Esta publicação em particular teve revisão técnica de Jane Bevan, Sue Cavill, Gaëlle Fohr e Naomi Vernon. Teve também contribuições de várias pessoas que trabalharam nas intervenções descritas. Obrigado a todos.

Saneamento Rural em África:

Desafios, Boas Práticas e Caminhos a Seguir

Introdução

Tem-se registado um progresso considerável nas áreas rurais, através do Saneamento Total Liderado pela Comunidade (*Community-Led Total Sanitation*, CLTS) e outras abordagens de saneamento rural que devem ser aplaudidas. Nalguns países, estamos a observar resultados em toda uma área com intervenções baseadas na comunidade, por exemplo, províncias no Quênia, municípios na Zâmbia e circunscrições autárquicas na Nigéria, todos eles Livres de Fecalismo a Céu Aberto (*Open Defecation Free*, ODF). Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) vieram, porém, fazer subir as exigências relativamente à cobertura e ao nível de serviço necessário. Muitas estratégias nacionais para o CLTS foram criadas na era dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, sendo necessário revê-las de modo a terem em conta a mudança de enfoque dos ODS, os Compromissos de Ngor (ver página 3) e a melhor compreensão que o sector actualmente tem de questões como a equidade e a sustentabilidade.



Ada Oko-Williams, da WaterAid International, apresenta uma perspectiva regional no workshop da África Central e Ocidental. Foto: Elaine Mercer

Para conseguir alcançar um saneamento universal gerido com segurança em toda a África até 2030, a escala e o ritmo terão de aumentar drasticamente. Tendo isto presente, no período que antecede o AfricaSan 5, o CLTS Knowledge Hub, sediado no Institute of Development Studies, co-organizou dois workshops regionais de saneamento rural. Ambos os eventos reuniram as pessoas que estão a trabalhar em programas rurais de WASH de vários países do continente, juntamente com especialistas que trabalham ao nível regional e global. O primeiro workshop, apoiado pela SNV, realizou-se em Arusha, na Tanzânia, de 16 a 20 de Abril de 2018, e reuniu interessados de oito países da África Oriental e Austral¹. O segundo, realizado em Saly, no Senegal, de 25 a

¹ Burundi, Eritreia, Etiópia, Quênia, Maláui, Tanzânia, Uganda e Zâmbia.



Participantes no workshop da África Central e Ocidental. Foto: Elaine Mercer

28 de Junho de 2018, foi co-organizado com a WaterAid, WSSCC e UNICEF, com o apoio da AGETIP, e contou com representantes de 14 países da África Ocidental e Central². O objectivo de ambos os eventos era actualizar a comunicação e aprendizagem entre organizações e entre países, e procurar chegar a um consenso sobre os caminhos a seguir na preparação da conferência AfricaSan e depois dela.

Esta edição do *Fronteiras do CLTS* baseia-se nas discussões tidas em ambos os eventos. Começa por sublinhar os desafios enfrentados pelos implementadores dos programas (funcionários governamentais e

não-governamentais) a vários níveis em relação aos Compromissos de Ngor e à obtenção do acesso universal ao saneamento gerido com segurança. Em seguida, apresenta uma série de iniciativas que se mostram prometedoras para fazer face a esses desafios – está concebido para ser lido como um catálogo de ideias que podem inspirar e ser adaptadas a diferentes contextos nacionais. A publicação termina com recomendações de acções prioritárias.

Podem ainda encontrar-se uma série de outros recursos, incluindo notas de reflexão, vídeos, blogs e relatórios Hunter-Gatherer nesta página em linha (alguns deles apenas em inglês e francês): <http://www.communityledtotalsanitation.org/regional-africa-sharing-and-learning-workshops-2018>. Para mais informações sobre qualquer exemplo referidos a seguir, contacte-nos pelo e-mail CLTS@ids.ac.uk.

Os Compromissos de Ngor

A Declaração de Ngor sobre Saneamento e Higiene, assinada pelos ministros africanos a 27 de Maio de 2015 no AfricaSan 4, em Dakar, no Senegal, veio substituir a Declaração de eThekwiní. A nova declaração é composta por dez compromissos (ver Caixa 1) que visam apoiar a obtenção do acesso universal a serviços de saneamento e higiene adequados e sustentáveis, e eliminar o fecalismo a céu aberto até 2030. O Secretariado do Conselho de Ministros Africanos para a Água (AMCOW), com apoio do Grupo de Trabalho Internacional do AfricaSan fará uma monitoria regular do progresso dos estados membros, publicará pontos da situação regionais e continentais, e apresentará relatórios às reuniões de Chefes de Estado da União Africana. O sistema de monitoria foi

² Benim, Burkina Faso, Camarões, Chade, República Democrática do Congo, Gâmbia, Gana, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal e Togo.

desenvolvido com base nas lições aprendidas com os processos de eThekwini. Durante o AfricaSan 5, serão apresentados os resultados da situação inicial (baseline) para cada compromisso.

Caixa 1: Os Compromissos de Ngor

1. Centrar-se nos mais pobres, nos mais marginalizados e com menos acesso a serviços, visando eliminar progressivamente as desigualdades no acesso e uso, e implementar estratégias nacionais e locais, com ênfase na equidade e na sustentabilidade.
2. Mobilizar apoio e recursos para o saneamento e higiene ao mais alto nível político, para dar uma grande prioridade ao saneamento e higiene nos planos nacionais de desenvolvimento.
3. Criar e fiscalizar rubricas orçamentais de higiene e saneamento que vão sempre aumentando todos os anos de forma a atingir um mínimo de 0,5% do PIB até 2020.
4. Garantir forte liderança e coordenação a todos os níveis para construir e manter a governação para saneamento e higiene em todos os sectores, especialmente os da água, saúde, nutrição, educação, género e meio ambiente.
5. Elaborar e financiar estratégias para colmatar o défice de capacidade de recursos humanos de saneamento e higiene a todos os níveis.
6. Garantir serviços de saneamento inclusivos e geridos de forma segura e instalações funcionais de lavagem de mãos em instituições e espaços públicos.
7. Eliminar progressivamente os resíduos não tratados, incentivando a sua utilização de forma produtiva.
8. Capacitar e empenhar o sector privado na elaboração de produtos e serviços inovadores de saneamento e higiene, especialmente para os marginalizados e sem acesso a serviços.
9. Criar sistemas governamentais de monitoria, relatórios, avaliação, aprendizagem e revisão.
10. Permitir a continuação de uma colaboração activa com o processo AfricaSan da AMCOW.

Quando a comunidade africana de saneamento se reúne novamente para discutir estes compromissos de alto nível, apresentamos desafios e exemplos que indicam maneiras pelas quais ela pode contribuir para compromissos específicos. Muitos desses compromissos sobrepoem-se e reforçam-se uns aos outros. Para evitar a repetição, foram agrupados os

temas que geralmente cobrem vários compromissos, em vez de abordar cada compromisso individualmente.

Desafios

Estes desafios são os destacados pelos participantes do workshop que trabalham em toda a África Subsaariana (ver IDS 2018a e IDS 2018b) – como acontece com todas as generalizações, a gravidade destes desafios variará de região para região e de país para país. Alguns podem ser mais apropriados em certos contextos do que outros.

Incluir os mais pobres, os mais marginalizados e com menos acesso a serviços/o «último quilómetro»³

Compromissos 1, 6, 7 e 9



Há várias questões que estão a impedir o progresso rumo ao acesso universal – há agregados familiares do «último quilómetro» dentro das comunidades e comunidades do «último quilómetro»/a que é difícil chegar. Persistem

³Embora se fale do «último quilómetro» ao longo deste texto, é importante notar que em muitos países do continente há um grande número de pessoas que ainda praticam o feccalismo a céu aberto. A Nigéria tem 47 milhões, a Etiópia 27 milhões, o Níger 14 milhões, Madagáscar 11 milhões e Moçambique 10 milhões. Continua a ser importante, porém, que essas questões do «último quilómetro» sejam discutidas e abordadas nesta fase, para que não se nos acabe o tempo e não caiam no esquecimento aqueles que vivem nos ambientes mais problemáticos. Além disso, é provável que os problemas do «último quilómetro» sejam cada vez mais relevantes à medida que avançamos no sentido da implementação de abordagens por área que deverão ter resultados em toda a área coberta.

problemas relacionados com exclusão/marginalização, deficiência e pobreza. Os desafios técnicos são comuns em terrenos difíceis. A insegurança e o conflito dificultam a acessibilidade e podem levar à destruição de casas e propriedades (incluindo casas de banho); e trazem também a tensão acrescida de pessoas interna e externamente deslocadas e populações flutuantes.

Há poucas directrizes ou estratégias para essas condições mais problemáticas. Os programas também têm dificuldades em identificar, apoiar e monitorar os resultados de agregados familiares e comunidades vulneráveis.

O saneamento institucional foi discutido como sendo um desafio do «último quilómetro», dado que as comunidades rurais e os governos locais muitas vezes não têm recursos nem capacidade para lidar com o saneamento limitado ou deficiente em espaços públicos, escolas, centros de saúde, mercados e estações rodoviárias e a operação e a manutenção permanentes que aí são necessárias, incluindo gestão do lodo fecal. As instalações de saneamento institucionais também devem ser adequadas para pessoas com deficiências.

Preservar as conquistas

Compromissos 1, 7 e 9

As taxas de retrocesso do estatuto ODF para a situação anterior variam muito dentro dos países e de um país para o outro. São muitas vezes os mais pobres e mais vulneráveis que têm mais tendência a voltar a praticar o fecalismo a céu aberto (Robinson & Gnilo, 2016). O acompanhamento pós-ODF, incluindo monitoria, não é sistemático nem regular, apesar do amplo reconhecimento do problema (Figura 1). Uma ameaça à sustentabilidade são as pessoas dependentes de casas de banho de pouca qualidade ou pouco higiénicas. Além disso, as fezes podem permanecer no meio ambiente, devido a práticas pouco seguras ao longo da cadeia de valor do saneamento, incluindo contenção, esvaziamento, transporte e reutilização (quando apropriado).

Aumento dos orçamentos

Compromissos 2 e 3

A falta de orçamentos estabelecidos para saneamento e higiene dificultará provavelmente o progresso em muitos países (AMCOW 2019a, AMCOW 2019b, AMCOW 2019c e AMCOW 2019d). Passar da obtenção de apoio ao mais alto nível político à criação, fiscalização e execução de orçamentos é um grande desafio. Há uma atribuição insuficiente de recursos nacionais ao saneamento e muitas vezes há uma dependência excessiva do financiamento dos doadores. Quando há fundos governamentais disponíveis, é preciso que haja um maior equilíbrio entre o pagamento de salários e a implementação de programas. É necessária uma determinação realista dos custos para atingir metas e planos.

Coordenação

Compromisso 4

A falta de coordenação entre os diferentes departamentos governamentais, e também entre governos e parceiros de desenvolvimento a nível nacional e subnacional está, nalguns países, a levar à utilização de abordagens diferentes que podem prejudicar-se umas às outras – por exemplo, o uso de programas tradicionais de subsídios de construção vem constantemente prejudicar os esforços de enfoque em mudanças de normas sociais e comportamentos e as abordagens de larga escala cobrindo toda uma área (IDS, 2018b). Além disso, as definições (como ODF, saneamento melhorado e serviços geridos com segurança) variam de país para país e de um lugar para o outro dentro do mesmo país, o que dificulta as comparações.

Capacidade e recursos humanos

Compromissos 1, 5 e 9

Há falta de capacidade para apoiar a implementação, monitoria ou progresso e sustentabilidade em grande escala aos níveis adequados (municípios/distritos). A falta de pessoal qualificado, falta de orçamento para capacitação e a frequente rotatividade do pessoal constituem desafios à qualidade da implementação. As limitações de capacidade do governo levam geralmente a uma excessiva dependência de voluntários da comunidade, o que afecta a qualidade da implementação em grande escala e a sustentabilidade dos resultados.

Participação do sector privado

Compromissos 1 e 8

Continua a haver barreiras para se aproximar do sector privado, motivá-lo e trabalhar com ele. As iniciativas de saneamento baseadas no mercado são ainda incipientes e ainda não levaram um número significativo de agregados familiares mais pobres a «subir a escada do saneamento», nem na África Oriental, nem na África Austral, Ocidental ou Central. Poucas soluções eficazes se encontraram em zonas onde escasseiam materiais de construção.

Monitoria e avaliação

Compromissos 1 e 9

A monitoria e avaliação em grande escala precisam de ser consideravelmente melhoradas. A maioria dos sistemas nacionais (incluindo Sistemas de Informação de Gestão) não recolhe informação sobre grupos desfavorecidos e vulneráveis, ou comunidades a que é difícil chegar. A fiabilidade dos dados é muitas vezes questionável, o que cria incoerência entre os dados dos sistemas nacionais

de monitoria e os dados de outras iniciativas de monitoria e avaliação. Além disso, há defasamentos temporais entre os dados existentes e as realidades no terreno.

Aprendizagem e adaptação

Compromissos 9 e 10

No casos em que foram recolhidos dados de monitoria, estes raramente são bem utilizados, com efeito limitado nas políticas e na implementação, e pouca análise do que funciona, do que não funciona e pouca divulgação de novas práticas promissoras. Há uma clivagem entre a anglofonia e a francofonia (não houve participantes lusófonos) – a maioria dos parceiros de gestão do conhecimento relativos ao WASH que trabalham ao nível global ou continental só têm recursos disponíveis em inglês (Uytewaal, 2016), isolando assim os profissionais francófonos. Os documentos traduzidos não são necessariamente conhecidos no terreno, já que as redes de divulgação das organizações francófonas são mais fracas.

A participação no processo AfricaSan varia, até agora, de país para país – os que têm maiores níveis de participação reduziram mais o fecalismo a céu aberto (Coombes *et al.*, 2015).

Exemplos positivos e inovações

Os desafios acima referidos são vastos e nem sempre há respostas para eles. Seguem-se exemplos de experiências e inovações que têm potencial para superar alguns dos obstáculos.

Abordagens inclusivas/do «último quilómetro»

Compromisso 1

Seguem-se alguns exemplos de programas que facilitam os mecanismos de apoio baseados na comunidade para quem tem pouco recursos e para quem pode precisar de adaptações suplementares às instalações, dois grupos que podem ambos ajudar a fortalecer os resultados de equidade e inclusão. Também inclui exemplos de estratégias específicas que foram concebidas para ter em consideração as necessidades de determinadas comunidades ou de determinados agregados familiares nas comunidades.

Fundos de solidariedade: No programa senegalês do Fundo de Saneamento Global, a identificação, apoio e monitoria do processo de CLTS é gerida pelas Associações de Desenvolvimento das Aldeias (ADAs), constituídas por pessoas da comunidade. As principais fases do processo são as seguintes:

1. As ADAs definem critérios para identificar quem necessita de apoio para construir e manter uma casa de banho higiénica (por exemplo, mulheres grávidas, idosos, deficientes, pobres de longa duração, etc.).
2. Estabelece-se um fundo de solidariedade usando actividades geradoras de rendimento e contribuições regulares dos membros da comunidade. Estes fundos são gerados pelas comunidades e propriedade das mesmas, embora o programa ajude a aumentar o capital inicial por meio de um fundo rotativo, que é geralmente reembolsado ao fim de 4 a 6 meses.
3. São concedidos empréstimos (com juro definido pelas comunidades) a todos os membros da ADA. Alguns concordaram em doações, totais ou parciais, de casas de banho às famílias que a ADA avalia precisarem realmente de assistência.
4. A utilização dos fundos é fiscalizada pelo comité, com arbitragem do presidente do município ou de autoridades distritais, se necessário.

Até agora, foram criados 627 fundos de solidariedade, foram poupados mais de 25 milhões de francos CFA (cerca de 43.000 USD) e foram construídas 10.800 casas de banho melhoradas com recursos gerados pelos fundos.

Círculos de diálogo: A Plan do Malawi usa «círculos de diálogo» para identificar problemas de equidade e inclusão após o despertar. Cada círculo tem 20 participantes, incluindo um chefe ou «influenciador» principal e dez pessoas vulneráveis (por exemplo, pessoas com deficiências físicas ou visuais e mulheres grávidas). Os outros participantes são Líderes Naturais, coordenadores de saúde das aldeias, pessoas de agregados familiares com um membro vulnerável e vizinhos. O objectivo é conseguir difundir uma melhor compreensão dos desafios enfrentados pelas pessoas vulneráveis, avaliar a situação das famílias e apoiar o desenvolvimento de soluções locais. Esta abordagem está agora a ser ampliada através da plataforma de redes de ONGs do Malawi, a Rede de Água e Saneamento Ambiental. Ver Kaitane, 2018 (também Plan International e WEDC, 2015).



Estratégias para grupos a que é difícil chegar:

Estratégia de saneamento específico para comunidades das praias e ilhas, Lago Vitória, Quênia: Quando chegaram à conclusão de que uma abordagem tradicional de CLTS não era eficaz nas comunidades que vivem nas proximidades do Lago Vitória, o Departamento de Saúde do Distrito de Siaya e o UNICEF elaboraram uma estratégia de saneamento específica para as comunidades das praias e das ilhas. Esta estratégia inclui:

- Avaliação e preparação: recolha de informação da situação inicial, análise da situação de saneamento, análise de interessados e intervenientes, análise de êxitos anteriores e recolha de informação básica;
- Sensibilização pré-despertar;
- Despertar: despertar comunitário, planificação de acções comunitárias, bem como a necessidade de advocacia e planificação de acções institucionais;
- Seguimento e monitoria;
- Verificação, certificação e celebração.

Durante a elaboração da estratégia, o UNICEF Quênia entrou em contacto com escritórios na Tanzânia e no Uganda para entender o progresso que estavam a ter com as comunidades nas proximidades do Lago. Sugeriu-se que essa discussão continuasse e que fossem divulgados exemplos entre os países (Siaya County Health Department & UNICEF, no prelo. Ver Bevan 2018.



Praia de Kamariga, Distrito de Rarieda, Província de Siaya. Foto: UNICEF Quênia

de capacidade de mobilização para as comunidades. A estratégia define seis etapas a serem executadas em conjunto com as comunidades, incluindo a auto-avaliação da comunidade, a planificação para a mudança, a implementação de um plano de acção, a promoção da aprendizagem e da divulgação, avaliação do progresso e celebração das realizações. A estratégia promove a participação do governo local com o estabelecimento de documentos contratuais entre municípios e comunidades, definindo funções e responsabilidades e mecanismos de prestação de contas. No final da intervenção, a comunidade deve ter a capacidade de avaliar regularmente a sua situação de saneamento e a autoridade local deve ter o seguimento pós-ODF incluído nos seus planos comunitários. A intervenção está concebida para durar entre 9 a 12 meses, mas pode durar mais tempo para aldeias declaradas ODF antes de 2014. Foram criados uma formação pós-ODF e um guia de facilitador, para garantir a implementação adequada do pacote (ver UNICEF, 2017).

Incentivar funcionários/voluntários do nível local: São necessários o tempo e o compromisso dos actores comunitários e dos governos locais para as actividades pós-ODF. Estas actividades podem cobrir apoio financeiro e profissional, contratos de desempenho, orientação e supervisão ou capacitação regular (Wamera, 2016). Eis alguns exemplos de incentivos:

- Na República Democrática do Congo, os membros dos comités de voluntários ao nível comunitário são pagos para realizar tarefas de monitoria com fundos angariados através de doações da comunidade.
- Na Zâmbia, a SNV fornece bicicletas aos líderes tradicionais que inspecionam e fiscalizam o progresso da aldeia rumo ao estatuto ODF. Os líderes dos grupos de acção de saneamento recebem um telefone e uma bicicleta que os ajuda nas suas actividades de apresentação de relatórios, além de 10 USD por cada dez aldeias que atinjam o estatuto ODF (ISF-UTS & SNV, 2018).
- No Gana, foram usadas as Tabelas da Liga CLTS para criar uma competição entre distritos para melhorar a cobertura de saneamento rural. Todos os trimestres é publicada uma tabela mostrando melhorias em cada distrito.
- Na Tanzânia e no Uganda, os indicadores de desempenho principais dos inspectores de saúde estão ligados ao trabalho de saneamento.

Aumento dos orçamentos

Compromissos 2, 3, 5 e 9

O UNICEF no Quênia e o WSSCC na Nigéria e no Uganda têm vindo a alavancar recursos e a defender a dotação orçamental de programas de saneamento.

Alavancagem de recursos para ampliar o saneamento no Quênia: Para aumentar tanto o capital financeiro como o capital humano, o UNICEF do

Quênia tem vindo a alavancar recursos do governo nacional em quatro províncias (Kitui, Migori, Siaya e Turkana). Realizaram-se reuniões de advocacia de alto nível, com funcionários provinciais relevantes (Governadores, Comitês Executivos, Ministro da Saúde ao nível nacional, Administrador de Saúde e Director de Saúde) onde foi apresentada a situação do saneamento nas suas províncias e foi dada informação sobre os benefícios económicos de se alcançar o estatuto ODF. O UNICEF incentivou a província a publicar uma carta oficial de compromisso. Foram então rapidamente elaborados, com a equipa de saúde pública da província, roteiros provinciais extremamente detalhados que incluíam um cálculo de custos. O prefácio desses roteiros foi escrito por governadores provinciais ou por comitês executivos da província, como forma de assumir um compromisso formal.

Até agora, as províncias têm fornecido salários aos directores de saúde pública, subsídios para voluntários de saúde comunitária, combustível e/ou manutenção para motocicletas e veículos para pesquisa em aldeias distantes e ajudas de custo/*per diems* para o estabelecimento de equipas que participem no processo de CLTS. Por exemplo, nalguns casos, o governo da província financiou o despertar e a monitoria regular realizados por funcionários e voluntários, enquanto o UNICEF financiou a formação de facilitadores de CLTS, a monitoria dos sistemas de informação e o processo de verificação e certificação.

Nas quatro províncias, os governos contribuíram com 1.308.368 USD (ano fiscal de 2017/2018) e o UNICEF contribuiu com 176.428 USD (ano civil de 2018). Kitui e Siaya estão agora ODF.

Para mais informação, contacte Julie Aubriot : jaubriot@unicef.org

Alavancagem de financiamento no Uganda e na Nigéria: Vários programas em África apoiados pelo Fundo Global de Saneamento do WSSCC (FGS) conseguiram recentemente alavancar financiamento governamental. Em 2016, o Governo do Uganda comprometeu-se com um financiamento de 2 milhões de USD ao Fundo de Saneamento de Uganda – um mecanismo nacional de financiamento de CLTS gerido pelo Ministério da Saúde que desembolsa fundos para departamentos de saúde das autarquias. Foram até agora canalizados 120.000 USD (450 milhões de UGX) no total, para acabar com o feccalismo a céu aberto em oito municípios da difícil região de Karamoja. Na Nigéria, o Governo do Estado (província) de Benue disponibilizou recentemente 120.000 USD para ampliar o programa em mais três Áreas de Governo Local (distritos), de um total de 2,2 milhões de USD.

Para mais informação sobre o Uganda, contacte David Mukama (mukamadm@yahoo.co.uk) e, para informação sobre a Nigéria, Nanpet Chuktu (Nanpet.chuktu@united-purpose.org).

Lavagem das mãos

Compromissos 4, 6 e 8



Exemplo de uma torneira *tippy tap* encontrada na visita de campo do workshop da África Oriental e Austral. Foto: Elaine Mercer

Nem o ODS 6.2 nem a Declaração de Ngor se centram apenas em casas de banho e fazem ambos referência explícita à higiene. O Programa de Saneamento Sustentável e Higiene para Todos da SNV tem experiências relevantes sobre como desencadear mudanças no comportamento e também sobre a infraestrutura de lavagem das mãos.

Despertar para a lavagem das mãos: A SNV Tanzânia formou agentes de saúde para usarem o despertar emocional durante as clínicas de vacinação para bebés jovens que se realizam nas unidades de saúde para consciencializar grávidas, mães e cuidadoras da importância de lavar as mãos com sabão. Pede-se a uma mãe que mude a fralda ao seu bebé e lhe limpe o cocó perante as pessoas na fila para a vacinação, antes de oferecer bolachas às pessoas que assistem sem lavar as mãos. As pessoas ali presentes que testemunham esta

prática anti-higiénica não aceitam as bolachas. O pessoal da clínica pergunta por que razão não aceitaram as bolachas, o que é que poderia ter sido feito de outra maneira e quais são os momentos críticos para a lavagem das mãos com sabão. Segundo um inquérito realizado no distrito de Misugwi, em 2018, os agregados familiares em que se lavam as mãos com sabão aumentaram de 20% para 40% (Rieiro, 2019).

Subir a «escada da higiene»: Na Zâmbia, em vez de se centrar apenas em casas de banho, a SNV apoiou a divulgação em sete distritos de uma nova tecnologia de baixo custo para lavagem das mãos. É de metal e mais durável do que a torneira *tippy tap* básica (Institute of Development Studies, 2018a). Além disso, na Etiópia, foram organizadas exposições itinerantes, com a participação de artesãos e empresários, que incluem diversas opções para instalações de lavagem de mãos, bem como produtos para latrinas. Ver Simangolwa, 2018.

Abordagens de monitoria e aprendizagem

Compromissos 9 e 10

Abordagens de monitoria e aprendizagem relevantes e atempadas podem ajudar a garantir que os responsáveis pela elaboração de políticas e os profissionais consigam manter-se actualizados e dar resposta às realidades no terreno.

Monitoria das reuniões sub-regionais dos Compromissos de Ngor: Em Setembro e Outubro de 2018, o Conselho de Ministros Africanos para a Água realizou quatro reuniões sub-regionais para a África Oriental, a África Austral, Ocidental e Central. As reuniões juntaram representantes do governo, parceiros de desenvolvimento e sociedade civil para permitir a auto-análise do país, aprender com os outros e planear futuras acções relativamente aos Compromissos de Ngor. Dois dos quatro principais objectivos eram criar uma oportunidade de aprendizagem entre pares e intercâmbio de conhecimento dentro das regiões, e reflectir sobre o que se aprende, para identificar prioridades de planificação nacional e desenvolver planos nacionais, incluindo acções e calendários (AMCOW, 2019a; AMCOW 2019b; AMCOW 2019c e AMCOW 2019d).

Workshops regionais de divulgação e aprendizagem: Os dois workshops regionais em que esta publicação se baseia são também exemplos de uma abordagem de aprendizagem orientada para a acção. O objectivo geral era reflectir e divulgar as experiências mais recentes, aumentar a capacidade e o conhecimento na região, apoiar um diálogo mais forte entre os principais actores e ajudar a identificar formas eficazes de reforçar políticas e práticas. Os produtos dos workshops, elaborados pelos facilitadores e participantes, recomendam acções para políticas e para a prática, e, após os eventos, foram rapidamente produzidos relatórios iniciais, que foram divulgados entre os participantes para que se mantivesse a dinâmica (o relatório do workshop da África Oriental e Austral foi produzido e divulgado no prazo de uma semana). Os participantes também se comprometeram a levar as discussões e a aprendizagem de volta para os seus países e organizações, para que fossem divulgadas junto dos actores relevantes.



Os participantes apresentam-se no workshop da África Ocidental e Central. Foto: Elaine Mercer



Identificação de desafios regionais e nacionais no workshop da África Oriental e Austral. Foto: Elaine Mercer

O IDS, o WSSCC e diversos níveis da administração indiana têm vindo a testar workshops semelhantes entre funcionários do governo local. Estes workshops, chamados Aprendizagem em Acção Rápida, permitem que os municípios (divisões administrativas de nível local) se reúnam para partilhar, aprender e planificar a implementação da Missão Swachh Bharat. Têm sido produzidas notas de orientação para convocação e facilitação de eventos semelhante (ver Chambers *et al.*, 2018).

Aprendizagem Emergente em Tempo Real (AETR): Aceitando que as realidades rurais são complexas, diversificadas, confusas e estão muitas vezes em rápida transformação, o FGS introduziu a abordagem AETR em cinco programas, quatro dos quais em África: no Benim, Quênia, Nigéria e Senegal. O objectivo da abordagem AETR é cultivar e gerar aprendizagem em tempo real. A abordagem envolve uma combinação de intervenientes e interessados que escrevem micronarrativas sobre a prática actual, reuniões ou workshops formativos de pausa e reflexão e partilha da aprendizagem com outros profissionais por meio de um grupo fechado no Facebook. As actividades em concreto diferem de um para outro país, decidindo cada programa o que melhor funciona para si, ou seja, como gostaria de aprender, a que áreas temáticas quer dar prioridade, etc. Os quatro países seleccionaram todos a igualdade e a não-discriminação como tema prioritário de aprendizagem, por exemplo.

Os grupos do Facebook permitem interacção em tempo real (inclusive durante visitas interdistritais de aprendizagem e exposição), dão acesso imediato a documentação, fotos e vídeos, possibilitam uma identificação mais rápida de questões, práticas, aprendizagens e oportunidades emergentes, e fornecem uma plataforma de aconselhamento entre pares. Cada grupo tem aproximadamente 150 membros, incluindo beneficiários indirectos (parceiros locais de implementação), agências executoras (as que gerem o FGS no país) e, nalguns casos, funcionários do governo e doadores. O grupo do Programa de Saneamento e Higiene do Quênia (KSHIP), por exemplo, inclui beneficiários indirectos, parceiros do sector de WASH e agentes de saúde pública.

Foi importante para o êxito do estabelecimento de plataformas de aprendizagem em tempo real manter as coisas simples e não-prescritivas, garantir apoio e orçamentos institucionais e permitir que os parceiros locais elaborassem a sua própria agenda de aprendizagem.

Para mais informação, contacte Hakim Hadjel: hakim.hadjel@wsscc.org. A KSHIP elaborou o seu próprio Manual Prático da AETR que se pode encontrar aqui: www.communityledtotalsanitation.org/resources/how-manual-k-ship-real-time-learning-approach

Inquéritos de Monitoria Pós-Implementação (IMPI): A WaterAid usa IMPIs para verificar a sustentabilidade das intervenções após a implementação do projecto. Os inquéritos realizam-se tanto ao nível na comunidade como ao nível do agregado familiar, usando a plataforma mWater. Os resultados são depois usados para adaptar futuros programas e abordagens, tornando-os mais sustentáveis e mais eficazes. Cada equipa nacional realiza um IMPI no decorrer de ciclos estratégicos quinquenais. O uso do mWater simplificou o processo de monitoria, aumentando a qualidade dos dados; e a geolocalização dos dados facilitou a divulgação e uso dos resultados.

Sistema Nacional de Informação de Gestão do Saneamento da Tanzânia (NSMIS): O Ministério da Saúde, Desenvolvimento Comunitário, Género, Idosos e Crianças da Tanzânia fez uma parceria com o programa Água para a África por meio de Liderança e Apoio Institucional, da USAID, para implantar o Sistema Nacional de Informação de Gestão do Saneamento (NSMIS). Ao nível dos agregados familiares, doas localidades e aldeias, a recolha de data continua, como antes, a ser feita num suporte de papel, mas, ao nível do conselho, os dados são carregados digitalmente. Isto veio transformar a forma como os dados são recolhidos, armazenados e analisados. Permite que os decisores políticos tenham acesso a informação em qualquer lugar e a qualquer momento e suporta processos de planificação, dotação de recursos e capacitação a vários níveis (Gevorgyan & Mwakitalima, 2018). O ministério também está actualmente a elaborar um portal na Internet, que estará acessível ao público, permitindo que organizações da sociedade civil, o público em geral e outros parceiros do ministério tenham informação adicional sobre os indicadores nacionais de saneamento. O portal da Internet abrirá o acesso a esta informação aos novos grupos de interessados e intervenientes.

*Para mais informação, contacte Alayne Potter:
Alayne.Potter@walis.org*

Monitoria de género: A Plan International desenvolveu uma ficha de visita de campo que, durante as visitas de seguimento dos agregados familiares, recolhe informações suplementares sobre género, idade, gravidez e número de filhos. A ferramenta que está a ser aplicada na Tanzânia usou estas informações para identificar grupos vulneráveis e verificar o progresso desses grupos, bem como para direccionar as actividades de microfinanças e comercialização do saneamento (ver IDS 2018a e Plan International, 2014).

Abordagens integradoras e programas adaptativos

Compromissos 1 e 8

Recentes análises de dados factuais sugerem que nem o CLTS nem as abordagens de saneamento baseadas no mercado funcionarão para todos, em qualquer lado e em qualquer altura (USAID, 2018a e USAID 2018b) e que é necessário não insistir em intervenções singulares. Precisamos, portanto, de contextualizar melhor as abordagens e integrá-las quando apropriado.

Orientação prática sobre estabelecimento de programas de saneamento rural: A WaterAid, o UNICEF e a Plan International iniciarão em breve um ensaio de orientação para programas de saneamento rural em larga escala, cobrindo toda uma área, que incentivem programas flexíveis e adaptativos. Recusando uma abordagem singular, a orientação recomenda que as abordagens usadas sejam concebidas em função do contexto e assentes em dados comprovados, flexíveis e adaptativas, incluindo actividades de feedback rápido para apoiar a mudança de abordagens sempre que isso se verifique apropriado (WaterAid, Plan International e UNICEF, no prelo).

Integração de abordagens: Na Nigéria, a WaterAid tem promovido o Quadro Emergente de Saneamento Total Sustentável. O quadro integra apoio direccionado a actores do lado da oferta (apoio às empresas, actividades de financiamento e comercialização) com geração de procura eficaz e transformadora (incluindo CLTS, actividades de informação, educação e comunicação, mudança de comportamento de higiene e promoção de higiene), e ainda trabalho para apoiar a ambiente favorável (Akwunwa, no prelo).

No Burkina Faso, é usado o Saneamento Total Liderado pelos Líderes para complementar as intervenções de CLTS e também para gerar iniciativas locais de angariação de fundos. Houve líderes locais que contribuíram com recursos pessoais para apoiar o impulso para a obtenção do estatuto ODF (WaterAid, 2013).

Caminhos a seguir

Reflectindo sobre os desafios e potenciais iniciativas, foram identificadas cinco áreas de acção prioritárias que abrangem diversos compromissos. São estes os desafios críticos a que é necessário fazer face para aumentar a escala e a velocidade.

Centrar-se nos mais pobres e nos mais marginalizados

Embora muitos países tenham ainda grandes segmentos da população sem saneamento melhorado, e, portanto, não estejam propriamente no estágio

do «último quilómetro», é essencial ter estratégias para os mais pobres, mais marginalizados e mais difíceis de alcançar. É importante que estas pessoas sejam tidas em consideração agora, para que não irem ficando para trás na lista de prioridades à medida que avançamos para 2030.

Um primeiro passo importante é **identificar quem são as comunidades e os agregados familiares do «último quilómetro»**. Isto exige que se reflecta sobre os programas actuais e se avalie quem é que não está actualmente a ser abrangido, ou quem é que não é capaz de manter melhores práticas de saneamento e comportamentos de higiene.

O segundo passo é **recolher informação sobre o número de pessoas de que estamos a falar**. A recolha de informação sobre o fardo da doença e os custos das baixas que dela resultam podem ajudar a apoiar os esforços de advocacia.

O terceiro passo é **reconhecer o «último quilómetro» em políticas, orientações e processos dos programas**. Isto pode incluir:

- Atribuir recursos humanos e orçamento para se chegar aos grupos do «último quilómetro»;
- Promover uma coordenação eficaz entre o governo e os parceiros, para garantir que os recursos sejam distribuídos por todo o país e que em certas regiões, se aumente a cobertura e o alcance;
- Desenvolver estratégias específicas para grupos a que é difícil chegar — isto pode ser feito ao nível subnacional, nacional e até regional, quando os problemas forem semelhantes e as soluções locais forem limitadas;
- Trabalhar com organizações especializadas que já estão familiarizadas com as questões relevantes e sabem como comunicar e trabalhar com grupos vulneráveis;
- Monitorar o progresso e os resultados nos grupos do «último quilómetro»;
- Garantir que os grupos do «último quilómetro» sejam alvo de visitas de seguimento; e
- Divulgar lições, estudos de caso e inovações.

Há poucas boas práticas bem documentadas sobre como implementar programas em zonas de conflito e insegurança. Isso deve, porém, ser tido em conta em estratégias, planos e programas e, portanto, trata-se aqui de uma área que precisa muito urgentemente de atenção.

Melhorar os orçamentos

Na Declaração de Ngor, os países comprometeram-se a estabelecer e a fiscalizar rubricas orçamentais que aumentam anualmente um mínimo até 0,5% do PIB. As acções propostas para se conseguir honrar estes compromissos são as seguintes:

- Determinar os custos das actividades através de notas orçamentais e análises de custos;
- Defender, tanto a nível nacional como subnacional, a criação de rubricas orçamentais específicas.
- Sublinhar os benefícios económicos de todos terem acesso ao saneamento gerido com segurança e as perdas para o PIB que resultam de dias de baixa (ou seja, a Economia do Saneamento (WSP, 2018));
- Se houver recursos domésticos disponíveis, aproveitá-los para a planificação, desenvolvimento de recursos humanos, implementação e monitoria contínua.

«Subir a escada»

Influenciar o mercado: Governos e parceiros de desenvolvimento devem criar um ambiente propício para as empresas para acelerar a ampliação da escala para iniciativas de saneamento baseadas no mercado e reduzir o custo de materiais de higiene e saneamento, e ainda ligar o sector privado à criação da procura.

Soluções em prol dos pobres: Devem considerar-se diferentes segmentos de mercado e promover várias opções para «subir a escada» do saneamento e higiene. Há dados que indicam que, num futuro próximo, as populações rurais na África Subsaariana dificilmente conseguirão obter no mercado produtos de higiene e saneamento a preços acessíveis (Robinson, 2018). Entretanto, deve-se:

- Identificar, reforçar e promover soluções tecnológicas locais – incluindo soluções que tornam as casas de banho acessíveis a pessoas com deficiências ou pessoas idosas;
- Ponderar melhoramentos actualizados para instalações existentes não melhoradas;
- Analisar as opções de higiene; e
- Melhorar a acessibilidade, incluindo soluções financeiras eficazes, que cheguem a muitas pessoas e aos que estão no «último quilómetro».

Monitoria

As estratégias, protocolos e definições nacionais, bem como os sistemas de monitoria, provavelmente precisarão de revisão e revisão, à medida que o nível de serviço que visamos vá aumentando. Deve incluir-se equidade, género e «subir a escada» nos sistemas de monitoria. Também é necessário fazer monitoria da sustentabilidade pós-ODE. Os dados devem estar publicamente disponíveis para que os interessados lhe possam dar resposta. Os dados devem ser enviados também às regiões e distritos para melhorar o direccionamento das iniciativas. Isto exigirá planificação e orçamentação.

Também é importante monitorar (ou verificar) a monitoria (por exemplo, capacidade, recursos, uso de sistemas) de modo a garantir a fiabilidade dos dados. Recomendam-se controlos sistemáticos no local, para garantir a precisão dos dados recolhidos.

Aprendizagem, pesquisa e concepção adaptativa de programas

É necessária pesquisa sobre:

- O «último quilómetro», para melhor quantificar e entender esses grupos e identificar barreiras específicas ao uso de melhores opções de saneamento;
- Soluções sustentáveis, localmente disponíveis; e
- Maneiras de mudar comportamentos e normas sociais a longo prazo.

Aprendizagem: As iniciativas globais de gestão do conhecimento também devem reconhecer as prioridades dos governos, países e regiões onde ou com quem estão a trabalhar e ter os decisores políticas e os profissionais como grupo-alvo da sua divulgação. Deve ter-se uma melhor comunicação com os países francófonos e aproveitar as redes de contactos francófona e lusófona – isto inclui documentar e avaliar práticas promissoras em países de língua francesa e garantir uma melhor participação dos falantes do francês em discussões globais. Uma iniciativa que pode dar rapidamente bons resultados é a tradução e divulgação de documentos relevantes apenas disponíveis em inglês.

Concepção adaptativa de programas: É necessário ser menos dogmático sobre que abordagens se devem usar (baseadas no mercado vs. lideradas pela comunidade, etc.). Devem evitar-se políticas e práticas rígidas, que promovam apenas uma abordagem. Contextos diferentes exigirão cocktails de intervenções. Devem incentivar-se a flexibilidade e a adaptabilidade. Os programas devem ser concebidos e adaptados para responder às necessidades e às prioridades do seu público-alvo.

Reflexões finais

No momento em que a comunidade de saneamento africana se volta a reunir para o AfricaSan 5, esperamos que seja aproveitada a oportunidade para actualizar os compromissos com aqueles que ainda não vêm respeitado o seu direito humano fundamental de acesso a instalações de saneamento e higiene. O que é necessário agora é que os responsáveis políticos, os doadores e os parceiros de desenvolvimento e conhecimento se unam para:

- Garantir um enfoque nos mais pobres e mais marginalizados;
- Compreender melhor as implicações em termos de custos, e orçamentar em conformidade e de forma realista;
- Fazer com que todos alcancem um saneamento gerido de forma segura;
- Monitorar o progresso, desagregar e divulgar dados; e
- Aprender, adaptar e inovar.

Foram sempre referidos os dados para contacto e/ou as publicações, quando disponíveis. Para mais informação sobre qualquer um dos exemplos dados nesta publicação, envie um e-mail para o endereço electrónico do Knowledge Hub, CLTS@ids.ac.uk que também o porá em contacto com os parceiros relevantes, sempre que apropriado.

Embora focados em África, espera-se que as ideias e exemplos apresentados na presente publicação sejam relevantes para outras pessoas que trabalham fora desse continente. Não hesite em enviar-nos o seu comentário.

Bibliografia

AMCOW (no prelo, 2019a) *Monitoring the Ngor Commitments on Sanitation and Hygiene: Report from the Sub-Regional Meeting for Eastern Africa*

AMCOW (no prelo 2019b) *Monitoring the Ngor Commitments on Sanitation and Hygiene: Report from the Sub-Regional Meeting for Southern Africa*

AMCOW (no prelo, 2019c) *Monitoring the Ngor Commitments on Sanitation and Hygiene: Report from the Sub-Regional Meeting for Western Africa*

AMCOW (no prelo 2019d) *Monitoring the Ngor Commitments on Sanitation and Hygiene: Report from the Sub-Regional Meeting for Central Africa*

Bevan, J. (2018) *Developing a Beach and Island Sanitation Strategy*, <http://www.communityledtotalsanitation.org/resources/videos/developing-beach-and-island-sanitation-strategy>, (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

Cavill, S., com Chambers, R. e Vernon, N. (2015) 'Sustainability and CLTS: Taking Stock', *Frontiers of CLTS: Innovations and Insights* Issue 4,

Brighton: IDS, http://www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/Frontiers4_Sustainability_o.pdf (consultado a 24 January 2019)

Chambers, R., Mishra, V. e Myers J. (2018) *Convening and Facilitating Rapid Action Learning Workshops for the Swachh Bharat Mission-Gramin (SBM-G)*, WSSCC, Delhi, http://www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/RAL_guidance_note_2018.pdf (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

Coombes, Y., Hickling, S. e Radin, M. (2015) *Investment in Sanitation to Support Economic Growth in Africa: Recommendations to the African Ministers' Council on Water (AMCOW) and Ministers of Finance, World Sanitation Programme*, <https://www.wsp.org/sites/wsp/files/publications/WSP-Investment-in-Sanitation-to-Support-Growth-Africa.pdf> (consultado a 10 de Janeiro de 2019)

Gevorgyan, A. e Mwakitalima, A. (2018) *Greater Self-Reliance by Building Value and Operation Effectiveness - WALIS* [apresentação de PowerPoint], Africa Water Week, Libreville, Gabon

Institute of Development Studies (2018a) 'East and Southern Africa Regional Rural Sanitation Workshop' *CLTS Knowledge Hub Learning Brief 4*, Brighton: IDS, <http://www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/ESA%20workshop%20brief%20FINAL.pdf> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

Institute of Development Studies (2018b) 'West and Central Africa Regional Rural Sanitation Workshop' *CLTS Knowledge Hub Learning Brief 5*, Brighton: IDS, <http://www.communityledtotalsanitation.org/sites/communityledtotalsanitation.org/files/WCA%20workshop%20brief%20FINAL.PDF> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

ISF-UTS e SNV (2018) *Sanitation for All: A Comparative Study of Approaches to Leaving No-one Behind Across Five Countries*, http://www.snv.org/public/cms/sites/default/files/explore/download/snv_isf_sanitationforall-comparative-study.pdf [consultado a 21 de Dezembro de 2018]

Kaitane, T.A. (2018) *Using 'Dialogue Circles' for Inclusive Sanitation in Malawi*, <http://www.communityledtotalsanitation.org/resources/videos/using-dialogue-circles-inclusive-sanitation-malawi> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

Ministry of Sanitation and Water Resources (2018) *Guidelines for Targeting the Poor and Vulnerable for Basic Sanitation Services in Ghana, Republic of Ghana*, <http://globalcommunitiesgh.org/downloads/Guidelines%20for%20Targeting%20the%20Poor%20and%20Vulnerable%20for%20Sanitation%20Services%20in%20Ghana.pdf> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

- Plan International (2014) *Gender and Monitoring WASH Tool*, <https://www.plan.org.au/~media/plan/documents/resources/gwmt-march-2014.pdf> (consultado a 10 de Janeiro de 2018)
- Plan International e WEDC (2015) 'Dialogue Circle on Social Inclusion' Guidance Note, https://wedc-knowledge.lboro.ac.uk/resources/learning/EI_Dialogue_circle_on_social_inclusion_guidance_note.pdf (consultado a 21 de Dezembro de 2018)
- Riiero, M. (2019) 'Emotional demonstrations (emo-demos) of handwashing with soap at vaccination centres', <http://www.communityledtotalsanitation.org/resources/emotional-demonstrations-emo-demos-handwashing-soap-vaccination-centres> (consultado a 31 de Janeiro de 2019)
- Robinson, A. e Gnilo, M (2016) 'Promoting Choice: Smart Finance for Rural Sanitation Development', in P. Bongartz, N. Vernon and J. Fox (eds), *Sustainable Sanitation for All: Experiences, challenges and innovations*, Rugby: Practical Action Publishing Ltd: 223-114 <https://www.developmentbookshelf.com/doi/pdf/10.3362/9781780449272.014> (consultado a 10 de Janeiro de 2019)
- Robinson, A. (2018) *Affordability Blocking the Sanitation Ladder in East and Southern Africa?*, <http://www.communityledtotalsanitation.org/blog/affordability-blocking-sanitation-ladder-east-and-southern-africa> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)
- Siaya County Health Department and UNICEF, unpublished, *Specific Sanitation Strategy for Communities in the Beaches and Islands, Lake Victoria, Siaya County, Kenya*
- Simangolwa, W. M. (2018) *Sanitation Marketing for Improved Handwashing Technologies in Zambia*, <http://www.communityledtotalsanitation.org/resources/videos/sanitation-marketing-improved-handwashing-technologies-zambia> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)
- UNICEF (2017) *Field Notes on Community Approaches to Total Sanitation, Learnings from Five Country Programmes*, New York: UNICEF, https://www.unicef.org/wash/files/2017_UNICEF_CATS_Field_Notes_II.pdf (consultado a 21 de Dezembro de 2018)
- USAID (2018a) *An Examination of CLTS's Contributions toward Universal Sanitation*, Washington, DC., USAID Water, Sanitation, and Hygiene Partnerships and Sustainability (WASHPaLS) Project <https://www.globalwaters.org/resources/assets/washpals/examination-cltss-contributions-toward-universal-sanitation> (consultado a 10 de Janeiro de 2019)
- USAID (2018b) *Scaling Market Based Sanitation: Desk review on market based rural sanitation development programs*, Washington, DC., USAID Water, Sanitation, and Hygiene Partnerships and Learning for Sustainability

(WASHPaLS) Project <https://www.globalwaters.org/resources/assets/washpals/rural-mbs-desk-review> (consultado a 10 de Janeiro de 2019)

Uytewaal, E. (2016) *Mapping Regional Capacity for Knowledge Management and Sector Learning in West and Central African Countries. Main Findings*, The Hague IRC, UNICEF, https://www.ircwash.org/sites/default/files/mapping_regional_capacity_for_kmsl_in_west_and_central_african_countries.pdf (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

Wamera, E. (2016) 'Who is Managing the Post-ODF Process in the Community? A Case Study of Nambale Sub-County in Western Kenya', in P. Bongartz, N. Vernon and J. Fox (eds.) *Sustainable Sanitation for All: Experiences, Challenges, and Innovations*, Practical Action, Rugby.

WaterAid (2013) *Leader-Led Total Sanitation*, WaterAid, Burkina Faso, <https://knowledgepoint.org/upfiles/1487770226411646.pdf> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

WaterAid (2018) *Organisational and Monitoring and Accountability*, <https://washmatters.wateraid.org/organisational-monitoring-and-accountability> (consultado a 21 de Dezembro de 2018)

WaterAid, Plan International e UNICEF (forthcoming) *Practical Guidance for Rural Sanitation*

Water and Sanitation Program (2018) *Economics of Sanitation Initiative*, <https://www.wsp.org/content/economic-impacts-sanitation> (consultado a 10 de Janeiro de 2019)

Sobre a série

Trata-se de uma série de notas curtas que dão orientações práticas sobre novos métodos e abordagens, e que refletem sobre questões mais amplas.

Agradecemos comentários, ideias e sugestões. Contacte-nos no site clts@ids.ac.uk.

Outros recursos essenciais sobre CLTS

Todos os números estão disponíveis em www.communityledtotalsanitation.org/resources/frontiers

Número 1: Cole, B. (2013) "Desenvolvimento da Concepção Participativa para Saneamento"

Número 2: Maulit, J.A. (2014) "Como Despertar para a Lavagem das Mãos com Sabão"

Número 3: Wilbur, J. e Jones, H. (2014) "Deficiência: Tornar o CLTS Plenamente Inclusivo"

Número 4: Cavill, S. com Chambers, R. e Vernon, N. (2015) "Sustentabilidade e CLTS: Ponto da Situação"

Número 5: House, S. e Cavill, S. (2015) "Tornar a Higiene e o Saneamento Mais Seguros: Reduzir as Vulnerabilidades à Violência"

Número 6: Roose, S., Rankin, T. e Cavill, S. (2015) "Romper com o Tabu Seguinte: Higiene Menstrual no CLTS"

Número 7: Chambers, R. e Myers, J. (2016) "Normas, Conhecimento e Uso"

Número 8: Musembi, C. e Musyoki, S. (2016) "O CLTS e o Direito ao Saneamento"

Número 9: Greaves, F. (2016) "CLTS in Situações de Pós-Emergência e de Estados Frágeis"

Número 10: House, S., Cavill, S. e Ferron, S. (2017) "Igualdade e Não-Discriminação (IGND) em programas de saneamento de grande escala"

Número 11: Cavill, S., Mott, J. e Tyndale-Biscoe, P., com Bond, M., Huggett, C. et Wamera, E. (2018) "Envolver homens e rapazes em programas de saneamento e higiene"

Saneamento Rural em África: Desafios, Boas Práticas e Caminhos a Seguir

Para se alcançar um saneamento universal gerido com segurança em toda a África até 2030, a escala e o ritmo terão de aumentar drasticamente. A comunidade africana de saneamento volta agora a reunir-se para o AfricaSan5 e esperamos que esta oportunidade seja aproveitada para reatualizar os compromissos para com aqueles que ainda não vêem respeitado o seu direito humano fundamental de acesso a instalações de saneamento e higiene.

Esta edição do *Fronteiras do CLTS* baseia-se nas discussões realizadas em dois eventos regionais em África, em 2018, sublinhando os desafios enfrentados por implementadores de programas a vários níveis (funcionários governamentais e não governamentais) em relação aos Compromissos de Ngor e a alcançar acesso universal a saneamento gerido com segurança. Apresenta-se uma série de iniciativas que se mostram prometedoras para fazer face a esses desafios e dão-se também recomendações de acções prioritárias.

Sobre o autor

Jamie Myers é o investigador do Knowledge Hub do CLTS colocado no Institute of Development Studies da Universidade de Sussex. O seu trabalho incide em metodologias de aprendizagem para apoiar a inovação e boas práticas de programas e políticas de saneamento e higiene participativas e centradas na comunidade que levem a saneamento sustentável e inclusivo para todos.



Ilustração de Jamie Eke



**CLTS
Knowledge
Hub**

Institute of Development Studies

at the University of Sussex Sussex, Brighton BN1 9RE

Site: www.communityledtotalsanitation.org

E-mail: CLTS@ids.ac.uk

Twitter [@C_L_T_S](https://twitter.com/C_L_T_S)

Tel.: +44 (0)1273 606261

Fax +44 (0)1273 621202

IDS, instituição particular de solidariedade social:

Instituição de Solidariedade Social n° 306371; Registada em Inglaterra 877338; N° de IVA GB 350 899914

Saiba mais

Assine o boletim informativo de CLTS, partilhe as suas experiências e contribua para o site de CLTS através do e-mail CLTS@ids.ac.uk